

Key words: gender, Science teaching, ENPEC, ENEBio, sexuality.

Introdução

Este trabalho versa sobre gênero, uma categoria social imposta sobre um corpo, que em nada se atrela ao sexo – entende-se por biológico¹ -, e sexualidade, que se refere às relações sociais massivamente desiguais de poder entre homens e mulheres (principalmente), sendo resultantes de inúmeras construções sociais do papel masculino e do feminino a partir de suas divergências sexuais. Resumidamente, gênero se apresenta como sendo “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SCOTT, 1995, p.72)². Esta categoria também divide homens e mulheres de acordo com sua “natureza”, atribuindo por exemplo, às mulheres características como emoção, paciência, fragilidade; enquanto que atribui aos homens adjetivos ativos, como agressividade, força e dinamismo. (SUÁREZ, 2000).

Por muito tempo e por inúmeras vezes gênero se confundiu e se relacionou ao termo sexualidade, e em alguma dimensão isso seja dado por seus caracteres intimamente culturais. Não sendo estimulados pelo simples instinto, mas “inseridos em um processo histórico e relacional” (BASTOS e PINHO, 2017, p.2), que denota articular que são construídos e constituídos de um emaranhado de redes que abarcam “corpo, prazer, normas, proibições, fugas, saberes e poderes.” (BASTOS e PINHO, 2017, p.2)

Conforme a sociedade muda, esses papéis e marcações sociais também tendem a sofrer mudanças, estas que são quase imperceptíveis se não observadas atentamente. Como construção social, tal categoria nos desafia desde o momento em que estamos sendo gerados, nos sendo atribuídos o que a sociedade espera para cada indivíduo dentro do binarismo “menino/menina”. Pierre Bourdieu (2003) defende que, a divisão das coisas e atividades nesse binarismo masculino e feminino, recebe sua necessidade particular e material na inclusão de um sistema de aversões homólogas.

A escolha pelas questões de gênero não é por acaso, ela tangencia um compromisso social com a educação e a pesquisa, além de visar oferecer subsídios e reflexões acerca do tema. Tais discussões, quando trazidas para o ambiente escolar, evidenciam a emergência do tema, visto que a escola é um campo de disputa marcada não só por divergências sexuais, mas também de classes e hegemonias diversas. Guacira Louro (1997) ao provocar para além da “emergência do gênero”, vai considerar a desconstrução do binarismo homem/mulher crucial para inserção de todos os indivíduos que não se encaixam nesses padrões pré-definidos. Dessa forma a autora pretende realocar tal debate no campo social,

[...] “pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação” (GUACIRA LOURO, 1997, p.22)

¹ Gênero como categoria - ainda que social, irá se constituir sob corpos sexuados não negando os fatores biológicos, mas acentuando-os.

² Com base em Felipe BASTOS e Raquel PINHO (2017), decidi por referenciar autoras e autores com os nomes, além dos sobrenomes já utilizados como regra. Lanço mão desta alternativa como tentativa de evidenciar os gêneros dos sujeitos envolvidos, e como consequência contribuir com a disseminação da identidade feminina no campo da pesquisa, bem como seu reconhecimento, relevância e valorização.

Considerando a escola e as atividades lá desenvolvidas como importantes caminhos para a sociabilidade e socialização, Antônio Flávio Moreira e Vera Candau (2007), afirmam ser a escola então, um espaço em que ocorrem disputas em diversos campos e um desses fica sendo as disputas que escolhem “o que se ensina”. Nesta perspectiva, Candau (2010), chama atenção para necessidade de conscientização da realidade multicultural e diversa que tem tomado nossa sociedade, e conseqüentemente nosso ambiente escolar. Para tal, a ciência – principalmente as biológica³ – podem propiciar um intercuro para discussão e (re)significação de tais papéis.

Tomando essas considerações, o presente trabalho busca entender as inúmeras e possíveis estratégias utilizadas por pesquisadoras e pesquisadores no campo do Ensino em Ciências quanto às questões de gênero. E ainda, quais sentidos estão sendo atribuídos à categoria gênero nas produções destes sujeitos. A pesquisa contou com a análise de anais produzidos em dois Encontros Nacionais em Ensino de Ciências. Os Encontros foram escolhidos com base em seu caráter científico, o que permite a intersecção com múltiplas áreas do conhecimento e desenvolvimento humano, dentre eles o social.

Metodologia

A metodologia utilizada inicialmente foi uma análise quantitativa tomando como base anais dos eventos nacionais – ENEBIO (SBEnBio)⁴ e ENPEC (ABRAPEC)⁵-, ambos disponibilizados on-line. O processo de análise da produção desses eventos consistiu inicialmente em buscar títulos e/ou palavras chaves que versassem sobre o tema gênero. As palavras-chaves e/ou título elencados foram: 1) Gênero; 2) Sexualidade⁶; 3) Corpo(s); 4) Mulher(es)/Feminino/Feminismo/Feminilidade. Em seguida, procedeu-se uma leitura dos resumos dos trabalhos, sendo então suprimidos os trabalhos que não debatiam as relações de interesse para a atual pesquisa. Por fim, os trabalhos foram analisados na íntegra, segundo categorias de análise construídas pelo diálogo da literatura com a empiria: (i) gênero dos autores; (ii) objetos e sujeitos de análise (caso houvesse), e (iii) sentidos atribuídos ao tema gênero.

O *corpus* do atual trabalho, que foi submetido à análise utilizando as categorias acima descritas, contou apenas com as publicações que tratavam das questões de gêneros, atreladas ou não às questões de sexualidade.

Resultados e Discussão

Somando os 6 ENEBio's com os 11 ENPEC's realizados, chega-se a um total de 17 Encontros. Desses encontros puderam ser encontrados aproximadamente 11.000 (onze mil) publicações que foram apresentadas nas mais variadas formas (pôster/e-pôster, comunicação oral,

³ Visto que, muitas vezes as distinções biológicas entre os sujeitos foram usadas para legitimar formas de preconceitos e opressão.

⁴ Associação Brasileira de Ensino de Biologia, criada em 1997, de caráter civil, científico e cultural, tendo por finalidade promover o desenvolvimento do ensino de Biologia e da pesquisa neste campo.

⁵ Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, fundada também em 1997, com caráter civil, científico e educacional, com intensão de promover, divulgar e socializar a pesquisa em educação em Ciências.

⁶ A busca pela palavra sexualidade se deu por conta de a discussão das questões de gênero aparecerem na maioria das vezes atrelada a ela.

apresentações).

As tabelas abaixo trazem as representações quantitativas desses trabalhos por encontros, com o objetivo de problematizar e auxiliar na discussão acerca do tema pretendido.

	Total de Publicações	Publicações Selecionadas	Porcentagem Relativa
I ENPEC (1997)	128	0	0%
II ENPEC (1999)	163	0	0%
III ENPEC (2001)	233	1	0,4%
IV ENPEC (2003)	431	0	0%
V ENPEC (2005)	739	5	0,6%
VI ENPEC (2007)	601	3	0,5%
VII ENPEC (2009)	798	4	0,5%
VIII ENPEC (2011)	1.235	6	0,4%
IX ENPEC (2013)	1.060	9	0,8%
X ENPEC (2015)	1.272	8	0,6%
XI ENPEC (2017)	1.840	19	1%
TOTAL	8.500	55	0,6%

Tabela 1: Análise quantitativa das publicações em Anais do ENPEC.

	Total de Publicações	Publicações Selecionadas	Porcentagem Relativa
I ENEBIO (2005)	283	0	0%
II ENEBIO (2007)	219	1	0,5%
III ENEBIO (2009)	418	2	0,5%
IV ENEBIO (2012)	331	1	0,3%
V ENEBIO (2014)	568	1	0,2%
VI ENEBIO (2016)	700*	9	1,3%
TOTAL	2.519	14	0,6%

Tabela 2: Análise quantitativa das publicações em Anais do ENEBIO⁷.

*O total de publicações não foi informado pela organização do evento, o número corresponde a uma estimativa realizada pela autora.

Dentre os cerca de 11.000 trabalhos submetidos aos dois Encontros Nacionais, foram selecionados para compor o *corpus* do atual trabalho 69 publicações que versavam sobre o tema em discussão. Essas 69 publicações foram analisadas detidamente a fim de entender como o tema gênero, vem sendo tratado na perspectiva docente e da pesquisa, bem como no ambiente escolar. A intenção aqui não é oferecer apenas uma constatação no que pode estar acontecendo

⁷ No decorrer da pesquisa ocorreu o VII ENEBIO, contudo até o fim dos levantamentos da atual pesquisa, os anais ainda não haviam sido publicados, impossibilitando que pudessem ser analisados.

na escola ou não. Mas sim, construir uma argumentação sobre os possíveis motivos desses resultados.

Para além de uma análise quantitativa do *corpus* da pesquisa, foi também realizada, uma análise qualitativa utilizando as categorias de análise elaboradas colocando em diálogo literatura e empiria, conforme se segue:

1) **Gênero dos autores.** Dos 152 autores e autoras identificados nessas publicações 110 eram/se identificavam como sendo do gênero feminino (representando aproximadamente 72% do total) e 42 sendo do gênero masculino (representando cerca de 27% do total). A grande presença feminina não foi surpresa, como assinalam Felipe Bastos e Raquel Pinho (2017), encontrando tal tendência em outros encontros, numa perspectiva em ensino de sexualidade. Além da marcante presença feminina vale ressaltar a crescente participação masculina no que tange esses assuntos.

2) **Objetos e sujeitos de análise.** No que faz referência às análises realizadas na produção, pretendeu-se compreender como os pesquisadores buscavam alcançar as questões de gênero e como eram manejadas. Ou seja, qual eram sua ou suas fontes de investigação e como essas fontes foram utilizadas. Na tabela abaixo seguem as metodologias usadas pelas pesquisadoras e pesquisadores.

METODOLOGIAS ENCONTRADAS	Publicações por metodologia	Porcentagem Relativa
Ensaio Teórico	5	7%
Levantamento de documentos e publicações em eventos	13	19%
Investigação envolvendo alunas e alunos do ciclo básico e licenciandas	36	52%
Análise de materiais midiáticos	4	6%
Análise e produção de matéria didático	7	10%
Investigação com professores do ciclo básico	4	6%

Tabela 3: Análise quantitativa das metodologias usadas em Anais analisados para compor a atual pesquisa.

Como pode ser observado dentre as metodologias recorrentes, o que mais chama a atenção é o contingente de trabalhos, em que foram usados como método de compreensão das temáticas propostas, as alunas e os alunos, tanto do Ensino Superior, quanto da Educação Básica, estes em maior percentual, o que pode indicar uma crescente e frequente preocupação das pesquisadoras e dos pesquisadores nessa linha investigativa. Em seguida, podemos ressaltar também uma quantidade de pesquisas oriundas de Universidades Públicas, ou seja, os questionamentos para produção de tais pesquisas partem (na maioria das vezes) do Ensino Superior (principalmente da formação docente) e perpassam a Educação Básica. Em certa medida, isto pode indicar uma maior preocupação da formação docente com as questões culturais, no que fere as construções de gênero. NÃO PODE CONCLUIR ISSO PELOS SEUS DADOS.

Em ambos Encontros Nacionais a temática sexualidade aparece quase que cinco vezes mais que a temática de gênero e em suma maioria, atrelada ao ensino de sexualidade, o que pode gerar uma subalternização das questões que envolvem os gêneros e sua construção, em simbolismo à sexualidade, como advertem Cláudia Vianna e Sandra Unbehaum (2004). Ainda que compartilhem similaridades como por exemplo, sua categoria intrinsecamente cultural.

3) **Sentidos atribuídos ao tema gênero.** Por fim, buscou-se os sentidos atribuídos pelos pesquisadores à temática de gênero em seus trabalhos. Retomando as tabelas 1 e 2 que se constituíram a fim de oferecer uma cronologia das publicações e permitir comparar com a quantidade total de submissão por Encontro, podemos observar que nos ENPEC's as questões que permeiam os gêneros são postas pela primeira vez em 2001 (III ENPEC), entretanto só se tornam recorrentes no V ENPEC (2005). Felipe Bastos e Raquel Pinho (2017) irão propor que uma possível causa para isso seja a consolidação dos PCN's⁸ em 1998, que entre algumas mudanças, trouxe a "inserção" da temática de gênero nos currículos.

Os sentidos de gênero encontrados nas publicações apresentam desde origem diversas, até discursos que não mais são considerados nos múltiplos campos. Esses sentidos permeiam construções sociais e culturais, remetendo ao sentido de gêneros como constituídos de marcas que se alteram na mesma medida em que o tempo passa e alteram-se as sociedades. Os sentidos encontrados também buscam legitimar comportamentos e corpos ditos masculinos e femininos pelos fatores biológicos. E por fim, esses sentidos trazidos também apresentam consigo a esfera ética, como preocupação com os valores morais, regras e normatividades, impostas sobre um corpo sexuado. Nas pesquisas selecionadas nos primeiros encontros, a recorrente preocupação dos pesquisadores era de entender como fatores biológicos, alteram ou podem alterar o comportamento das meninas em relação ao dos meninos, ou seja, lançando mão de explicações e expectativas biológicas para entender os sujeitos. Por sua vez, nas últimas publicações as preocupações dos pesquisadores consistiam inúmeras vezes na ênfase de cunho sociocultural, e na busca por maior visibilidade feminina na ciência.

Salientando as ponderações de Felipe Bastos e Raquel Pinho (2017) acerca do emergir das questões de gênero nos currículos nacionais, e como isso pôde ter inspirado publicações nesse rumo, trago para discussão a construção e a implantação de um mais recente modelo curricular, a BNCC⁹. A Base que está em discussão há algum tempo, foi aprovada pelo MEC em dezembro de 2017 e, nela, as questões que representam as construções de gênero são inexistentes. Ao buscar e comparar a produção dos dois eventos nacionais, esperava-se que com seus 20 anos de diferença (assim como o primeiro e último encontro analisado) houvesse avanços nas discussões, nas inserções culturais e nas maneiras de atravessamento destes temas na escola. Contudo, podemos notar um enorme retrocesso nas abordagens, estas, que sofreram com o crescimento das forças conservadoras nos últimos anos, resultando em um silenciamento dos movimentos e causas feministas e LGBTQ's. Além de excluir as discussões de gêneros não binários, ignorando membros da sociedade que possuem genitálias diferentes do gênero que expressam, como assinala Judith Butler (2003).

Considerações finais

O trabalho apresentou os resultados de uma análise exploratória da produção acadêmica acerca das questões que constituem os gêneros. A partir dessa primeira análise percebemos o baixo contingente de pesquisas nessa direção - menos de 1% do contingente total dos dois encontros. Isso nos sinaliza alguns pontos, dentre eles, que existe certo silenciamento de tais questões dentro do ambiente escolar, produzidas e reproduzidas por relações de poder, como podemos analisar nas produções curriculares citadas no corpo da pesquisa. Contudo, estes resultados denotam também a preocupação com a categoria cultural em que os gêneros são construídos passando a ganhar espaço dentro das produções educacionais, e ainda, sugerem que as pesquisadoras e pesquisadores tem reconhecido a emergência de tratar tais assuntos como ferramenta para deslegitimar desigualdades, à medida que os encontros foram se realizando.

⁸ Parâmetros Curriculares Nacionais. Que representam diretrizes elaboradas a fim de, orientarem a educação.

⁹ Base Nacional Comum Curricular. Documento de referência para produção dos currículos escolares

Saliento aqui a importância de a escola ser atravessada pelas questões multiculturais, onde já se travam embates contra o conservadorismo e emergem alguns movimentos que visam amordaçar principalmente os docentes e disputar os discursos produzidos no ambiente escolar.

Referências

- BRASIL, Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Disponível em: portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc. Visualizado em: 27/09/2018.
- BASTOS, F. e PINHO, R. Sentidos de sexualidade nos anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências. **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciências – XI ENPEC.** Florianópolis, SC. 2017. 11 págs.
- BORDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BUTLER, J. P. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** São Paulo: Ed. Civilização Brasileira. 2003. 236 págs.
- CANAU, V. M. As diferenças fazem diferença? In: **FALTA AUTORES Cotidiano escolar, Interculturalidade e educação em direitos humanos.** RJ: PUC, 2010.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista.** Petrópolis, RJ: Vozes, p.14-36, 1997.
- _____. **Currículo, gênero e sexualidade.** Porto: Porto Editora, 2000. 112 págs.
- MACEDO, E. Um discurso sobre gênero nos currículos de ciências. **Educação & Realidade,** v. 32, n. 1, 2007
- MOREIRA, A. C. V; CANAU, V. M. **Currículo, conhecimento e cultura. Indagações sobre currículo.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p. 169-184, 2007.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** Vol. 20 (2), 1995.
- SUÁREZ, D. Gênero: uma palavra para desconstruir ideias e um conceito empírico e analítico. In: **Anais do I Encontro de Intercâmbio de Experiências do Fundo de Gênero no Brasil.** Gênero no mundo do trabalho. Brasília: [s.n], 2000.
- VIANNA, C. P; UNBEHAUM, S. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa,** v. 34, n. 121, p. 77-104, 2004.